

EDUCAÇÃO FÍSICA E TICS NA PERSPECTIVA FREIRIANA: RELATO DE EXPERIÊNCIA EM UMA ESCOLA DO ENSINO FUNDAMENTAL DO 1º AO 5º ANO

Data de submissão: 19/11/2024

Data de aceite: 02/12/2024

Alan Lagoa Santos

Professor de Educação Física no ensino básico da Prefeitura de Boa Vista/RR, mestrando em Educação pelo PPGE na Universidade Federal de Roraima.

Sebastião Monteiro Oliveira

Professor Associado da Universidade Federal de Roraima. É Líder do Grupo de Pesquisa Paulo Freire e Educação de Adultos na Amazônia Setentrional. É editor Adjunto da Revista Educação, Pesquisa e Inclusão do PPGE da UFRR. Também é membro do Núcleo de Pesquisas Eleitorais da Amazônia (NUPEPA), professor do Programa de Pós-graduação no Mestrado Profissional em Inclusão (PROFEI), na Universidade Federal de Roraima e colaborador do Programa de Pós Graduação em Educação (PPGE) na UFRR.
<https://orcid.org/0000-0002-1351-1278>.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho, tem como objetivo analisar a integração entre as experiências pedagógicas, as Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) e os

pressupostos freirianos nas práticas de Educação Física no Ensino Fundamental, nas turmas do 1º ao 5º ano. Trata-se de um relato de experiência descritivo, que “é um tipo de produção de conhecimento, cujo texto, trata de uma vivência acadêmica e/ou profissional em um dos pilares da formação universitária (ensino, pesquisa e extensão), cuja característica principal é a descrição da intervenção” (MUSSI, 2021, p.65).

Este estudo foi desenvolvido com base em experiências práticas no contexto da Educação Física escolar e a utilização das TICs. Essas experiências me impulsionaram a refletir criticamente sobre problemáticas da atuação pedagógica, especialmente em momentos de desafios profissionais, nos quais me vejo constantemente pressionado a reavaliar minhas estratégias de ensino diante da crescente influência dos meios tecnológicos nas dinâmicas educacionais.

Essas reflexões, começaram quando os estudantes frequentemente confrontavam os conteúdos planejados

para as aulas de Educação Física com aqueles aos quais têm acesso por meio das tecnologias que utilizam fora do ambiente escolar. De forma didática, e baseado na BNCC¹, para “utilizar tecnologias digitais de comunicação e informação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas do cotidiano (incluindo as escolares) ao se comunicar, acessar e disseminar informações, produzir conhecimentos e resolver problemas.” (BRASIL. 2017, p.18), sempre integro a tecnologia ao ambiente educacional, por meio do uso de dispositivos como tablets, computadores, TVs, notebooks e outros recursos midiáticos que considero pertinentes para o desenvolvimento dos conteúdos da disciplina, mas os alunos sempre questionavam a discrepância entre os temas abordados em sala de aula e as experiências tecnológicas das quais participavam durante seu tempo livre, fora da escola.

Um exemplo disso, foi a abordagem do tema “dança escolar” nas aulas de Educação Física, nas quais discutíamos tanto as danças tradicionais quanto as culturais. No entanto, os alunos demonstraram desinteresse pelas danças tratadas em sala de aula, frequentemente solicitando alterações nos conteúdos e sugerindo a inclusão de elementos mais alinhados com o que consumiam em suas interações digitais, especialmente no TikTok². Essas situações aconteciam da mesma forma com outros conteúdos apresentados durante as aulas.

Além disso, surgiram questionamentos sobre a dinâmica das aulas, especialmente quando eu utilizava dispositivos tecnológicos para iniciar as atividades, uma vez que, as aulas estavam sendo realizadas dentro da sala de aula, e não na quadra. Para os alunos, a prática da Educação Física só se caracterizava como tal quando ocorria no espaço da quadra.

Diante do exposto, surgiu o seguinte questionamento: De que maneira a integração das experiências pedagógicas com as TICs pode impactar as práticas de ensino de Educação Física no Ensino Fundamental, promovendo uma abordagem pedagógica crítica e significativa para os alunos?

A partir desses questionamentos, este trabalho buscará dialogar com questões relativas às práticas pedagógicas em Educação Física, à utilização pedagógica das TICs e às concepções freirianas sobre as interações entre esses elementos.

TICS COMO RECURSO PEDAGÓGICO

Neste subcapítulo, buscaremos analisar como as TICs têm modificado a dinâmica das práticas pedagógicas, refletindo sobre suas implicações para o processos educativos. Será importante compreender de que maneira essas tecnologias podem ter o potencial de

1 A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) é um documento que define as aprendizagens essenciais que os alunos devem desenvolver na Educação Básica brasileira

2 O TikTok é uma rede social chinesa que permite aos usuários criarem e compartilharem vídeos curtos que podem ser sobre qualquer tema, mas normalmente são coreografias, dublagens, clipes e cenas de humor.

ampliar as possibilidades pedagógicas, ao mesmo tempo em que impõem desafios para a construção de uma abordagem mais crítica e reflexiva sobre a interação social no ambiente escolar.

Para iniciarmos os diálogos, é importante conhecer o conceito de Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs), que integra as tecnologias computacionais e de telecomunicações, e tem exercido uma influência crescente em diversas áreas do conhecimento, incluindo a Educação Física. Essas tecnologias podem ser entendidas como fenômenos sociais que transformam os modos de interação e a visão de mundo dos indivíduos, impactando não apenas a comunicação e o comportamento dos estudantes, mas também as abordagens pedagógicas adotadas pelos professores.

O progresso tecnológico das últimas décadas propiciou novas formas de utilização das TICs para a criação e disseminação de informações, além de possibilitar a interação e comunicação em tempo real, ou seja, no momento exato em que os eventos ocorrem. Com isso, emergiram as chamadas novas tecnologias de informação e comunicação, ou NTICs. Para Kenski (2007), nesse contexto, ainda é possível incluir a televisão e, mais recentemente, as redes digitais e a internet. Com a popularização dessas tecnologias, o termo “novas” tem sido cada vez menos utilizado, e todas são genericamente classificadas como TICs, independentemente de suas características distintas. Contudo, Kenski (2007) também conceitua as tecnologias com especificidades próprias, e aborda de maneira mais ampla o conceito das linguagens que caracterizam as TICs. Como veremos a seguir.

O autor destaca, inicialmente, a linguagem oral como a forma mais primitiva de expressão humana, sendo uma construção única de cada grupo social. Por meio de signos vocais compartilhados e compreendidos pelos membros de uma comunidade, a oralidade possibilitou a comunicação, o aprendizado e a transmissão de informações essenciais para a sobrevivência. A fala, nesse contexto, desempenhou um papel crucial na criação de diálogos, na divulgação de avisos e notícias, além de contribuir para a formação de diferentes idiomas. Ao longo do tempo, a organização particular da fala, interpretada dentro de um determinado contexto social, moldou não só a cultura de um povo, mas também as formas de transmissão do saber, construindo uma visão única de espaço e tempo.

Em seguida, o autor aborda a emergência da linguagem escrita, que surge como uma tecnologia de comunicação quando os seres humanos abandonam o estilo de vida nômade e se estabelecem em comunidades agrárias. A necessidade de registrar e organizar o ciclo agrícola impulsionou a criação de suportes para a escrita, com o intuito de preservar e transmitir informações relacionadas à plantação e colheita.

Por fim, a linguagem digital, que se integra às tecnologias eletrônicas de comunicação, surge como um novo fenômeno caracterizado por sua simplicidade e flexibilidade. Fundamentada em códigos binários, a linguagem digital combina elementos da oralidade e da escrita em novos contextos de interação e aprendizagem, rompendo com as estruturas lineares e hierárquicas das formas anteriores. Ela propicia uma organização

mais dinâmica, descontínua e fragmentada do conhecimento, criando conexões entre conteúdos, espaços, tempos e indivíduos.

A convergência das tecnologias de informação e comunicação deu origem a uma nova era digital, marcada por transformações profundas em diversos aspectos da sociedade. Através das tecnologias digitais, tornou-se possível não apenas representar e processar, mas também transmitir qualquer tipo de informação de maneira ágil e eficiente. Nos ambientes digitais, interagem diferentes esferas da tecnologia, como a computação, as telecomunicações e uma vasta gama de formatos e suportes — incluindo livros, filmes, imagens, músicas e textos — nos quais os conteúdos estão disponíveis e acessíveis.

A integração de dispositivos como telefones celulares, computadores, televisores e satélites tem viabilizado a circulação de uma quantidade imensa de informações em tempo real. Essa conectividade permite a interação simultânea entre indivíduos, independentemente da distância geográfica, seja em diferentes cidades, países ou até mesmo em ambientes espaciais. Dessa forma, as tecnologias digitais não apenas redefinem as fronteiras da comunicação, mas também ampliam significativamente o acesso à informação, criando novas possibilidades para a interação global e transformando as dinâmicas sociais e culturais em uma escala sem precedentes.

Para Soares (2012), na Educação, a incorporação das TICs pode representar uma ferramenta fundamental para a melhoria do processo de ensino-aprendizagem, trazendo benefícios significativos quando utilizadas de maneira adequada. Contudo, os resultados obtidos dependem diretamente da forma como essas tecnologias são aplicadas. Vale destacar que qualquer inovação tecnológica demanda tempo para ser plenamente dominada e utilizada de forma natural, e no caso das TICs, esse processo de apropriação envolve duas dimensões distintas que não devem ser confundidas: a tecnológica e a pedagógica.

Para que a integração das TICs na educação seja bem-sucedida, é essencial considerar um conjunto de fatores interligados. Entre os mais relevantes, destaca-se o domínio que o professor possui sobre as tecnologias disponíveis e sua capacidade de aplicá-las efetivamente na prática, o que pressupõe uma sólida formação acadêmica.

Além disso, é imprescindível que as escolas possuam uma infraestrutura adequada, com recursos materiais e tecnológicos que permitam o uso das TICs no cotidiano das aulas. O investimento governamental em programas de capacitação docente também é crucial, pois garante que os professores possam se atualizar diante das rápidas mudanças tecnológicas.

A motivação dos educadores, que deve ser incentivada para que se mantenham empenhados em aprender e inovar suas práticas pedagógicas, também desempenha papel central nesse processo. Por fim, os currículos escolares precisam integrar as tecnologias de forma transversal aos conteúdos das diversas disciplinas, assegurando que a utilização dessas ferramentas se torne parte integrante do processo educacional. “Nessa perspectiva, o uso das TICs na educação básica, mostra-se como uma excelente ferramenta para

reorganização do currículo escolar, de modo que o docente possa reinventar suas estratégias metodológicas, aproximando cada vez mais o discente do conteúdo abordado.” (COSTA *et al.*, 2020, p.1).

É importante refletir sobre o uso das TICs nas práticas pedagógicas. Não é apropriado adotar as tecnologias de maneira indiscriminada, apenas porque estão amplamente disponíveis e fazem parte do cotidiano dos estudantes. A incorporação dessas ferramentas no ambiente educacional não pode ser justificada por argumentos superficiais, de forma apenas atrativa, que, embora possam capturar momentaneamente a atenção dos alunos, não garantem efetividade no processo de aprendizagem. Além disso, não se deve recorrer à ideia de que os livros, enquanto recurso tradicional, estão em decadência, como um pretexto para substituí-los sem uma reflexão mais profunda sobre as reais necessidades pedagógicas e os objetivos educacionais.

É necessário entender que, as tecnologias, por si mesmas, não podem ser classificadas como boas ou ruins, e, portanto, não se trata de uma escolha simplista entre adotá-las ou rejeitá-las de forma maniqueísta. Para Souza; Oliveira (2021), a presença das TICs nos diversos segmentos sociais deve ser entendida como um fenômeno histórico, o qual não podemos simplesmente ignorar. Diante disso, o desafio é compreendê-las e determinar seu papel dentro de um projeto educacional. Isso implica usá-las como uma estratégia pedagógica, quando pertinente, ou, alternativamente, refletir sobre os princípios políticos, éticos e didáticos que norteiam o processo de ensino, decidindo, a partir dessa reflexão, se elas devem ou não ser integradas à proposta educacional.

Esse ponto de partida nos leva a questionar de que maneira uma abordagem pedagógica crítica e consciente, como a defendida por Paulo Freire, pode nos ajudar a refletir sobre o uso das TICs no contexto educacional. Explorar as reflexões freirianas, nos levam a entender sobre a relação entre educação e tecnologias, discutindo como sua visão pedagógica no sentido de contribuir para uma utilização mais crítica e humanizadora das TICs na Educação Física e outras áreas do conhecimento.

A RELAÇÃO DE PAULO FREIRE COM AS TICS

Tomando como referência Freire (1968), neste capítulo, buscaremos explorar as reflexões sobre as TICs para o campo educacional. A partir de sua crítica à alienação e à mecanização do processo de ensino, Freire nos oferece um olhar provocador sobre como as tecnologias podem ser tanto um instrumento de emancipação quanto de submissão. Neste contexto, discutiremos os desafios e as potencialidades que as TICs oferecem, ressaltando a importância de uma abordagem crítica e consciente de seu uso, à luz dos princípios pedagógicos de Paulo Freire, que defendem uma educação dialógica, libertadora e profundamente humana.

Para ampliarmos os nosso conhecimentos sobre as novas interações digitais na

sociedade, é fundamental destacar que o desenvolvimento tecnológico não deve ser visto como algo secundário, mas sim como um dos pilares de qualquer projeto revolucionário que busque transformação social. Atribuir exclusivamente à tecnologia a responsabilidade por esses desvios de sentido é uma visão simplista e redutora. Encarar a tecnologia como uma entidade demoníaca, autônoma e superior aos seres humanos, seria um novo tipo de irracionalismo, em que se atribui à tecnologia uma capacidade de subordinar os indivíduos e a sociedade como um todo.

Podemos caracterizar a tecnologia não como algo externo ou oposto à ação humana, mas como uma expressão natural do processo criador no qual os seres humanos sempre se engajaram. Desde os primórdios da humanidade, quando a criação do primeiro instrumento possibilitou a transformação do mundo ao seu redor, a tecnologia também surge como uma extensão das capacidades humanas de inovar e modificar sua realidade. Portanto, ao invés de vê-la como algo que nos domina, devemos reconhecê-la como um reflexo de nossa capacidade de adaptação e transformação do ambiente, sempre subordinada aos fins que estabelecemos enquanto sociedade.

Ao analisarmos a evolução da Educação ao longo da história, fica evidente que os distintos períodos históricos são marcados por especificidades sociais, econômicas e políticas que, de maneira direta, moldam o ambiente escolar e suas práticas pedagógicas. Os avanços tecnológicos fazem parte do contexto histórico atual, então, “é indispensável que o educador consciente e crítico seja capaz de compreender sua atuação nos aspectos de continuidade e de ruptura em relação aos seus antecessores, a fim de agir de maneira intencional e não meramente intuitiva e ao acaso” (ARANHA, 2006, p.07).

No que tange aos avanços tecnológicos e sua relação com o contexto educacional contemporâneo, Paulo Freire (1995), nos fala sobre a utilização da tecnologia no processo educativo. Ele afirma que “a educação não é redutível à técnica³, mas não se faz educação sem ela” (FREIRE, 1995, p.98). Esse pensamento destaca a complexidade do papel das tecnologias no ensino, ao mesmo tempo em que enfatiza que, embora a técnica não seja a essência da educação, sua presença é fundamental no cenário atual. Freire sugere que, ao iniciar um novo século, é imprescindível concluir o que ficou em aberto no anterior, o que implica a superação de desafios históricos e estruturais que ainda marcam a educação no Brasil.

Ele argumenta, ainda, que o uso de computadores no processo de ensino-aprendizagem, ao invés de limitar, pode potencializar a capacidade crítica e criativa dos estudantes, oferecendo novas possibilidades de expressão e reflexão. Contudo, essa potencialidade está diretamente vinculada à forma como a tecnologia é utilizada, dependendo de quem usa, “a favor de quê e de quem, e para quê” (FREIRE, 1995, p.28).

3 Para Levy (2010, p.20) As técnicas são projetos, esquemas conceituais e implicações sociais e culturais profundamente diversificados. Sua presença e aplicação em contextos específicos de tempo e espaço resultam na cristalização de relações de poder que variam constantemente entre os indivíduos.

Ou seja, a tecnologia por si só não é uma solução automática, ela deve ser orientada por uma visão pedagógica e ética que coloque o estudante como sujeito ativo do processo.

Freire (1995), também observa que, embora já tenhamos assegurado o essencial na educação escolar, a introdução de tecnologias, como os computadores, deve ser vista como um passo adiante, não apenas em termos de infraestrutura, mas principalmente como um meio de superar o atraso cultural do Brasil em relação aos países mais desenvolvidos.

Os avanços tecnológicos e suas implicações para a sociedade fazem parte de um contexto histórico em constante transformação, dinamizando as relações sociais e impactando diversos setores, incluindo o ambiente escolar. Nesse cenário, a tecnologia chega, de forma inevitável, ao cotidiano das escolas, influenciando comportamentos, práticas pedagógicas e a maneira como os conteúdos são abordados.

No campo da Educação Física, em particular, a tecnologia tem se mostrado um potente catalisador, não apenas para enriquecer a prática pedagógica, mas também para dinamizar o ensino dos conteúdos, oferecendo novas possibilidades de interação e aprendizagem. Dessa forma, é possível perceber que a integração das tecnologias na Educação Física pode contribuir significativamente para a inovação dos processos de ensino-aprendizagem, tornando-os mais atrativos e alinhados às necessidades do mundo contemporâneo. Podemos perceber isso, quando:

O exercício de reflexão sobre a cultura contemporânea e os desafios interpostos à educação remetem às influências que as Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC) e os meios digitais exercem em nosso cotidiano. Experienciamos um *continuum* de reconfigurações nas práticas sociais, o que reflete diretamente nas formas de produção de conhecimento e relacionamento (inter)personais, revelando uma cultura onde os meios e as tecnologias digitais são inerentes ao viver. Nesse sentido, o campo educacional é incitado a repensar seu *modus operandi*, o que implica diretamente em novas concepções para a formação inicial e continuada de professores. (FANTIN; RIVOLTELA, 2012, p.184)

Pensar em práticas pedagógicas que valorizam a cultura dos alunos, nos levam a refletir sobre as intervenções de um educador democrático que, Freire (2002) descreve como um incentivador da capacidade crítica, curiosa e autônoma dos sujeitos. Seu papel não é apenas transmitir conteúdo, mas criar as condições para que os alunos aprendam de forma crítica e profunda. Isso exige uma abordagem rigorosa e criativa, onde tanto educador quanto aluno são ativos na construção do conhecimento.

Nesse sentido, é fundamental refletir sobre o contexto educacional atual, marcado pelos rápidos avanços tecnológicos, que estão transformando a dinâmica do ensino e da aprendizagem. Para formar sujeitos críticos e autônomos, é necessário debater os impactos desses fenômenos tecnológicos na educação.

As obras de Paulo Freire seguem sendo uma base essencial para entender as mudanças na educação contemporânea, oferecendo uma visão crítica que nos permite refletir sobre as novas dinâmicas educacionais e a importância de uma educação que se

conecte com as realidades dos alunos e com as influências do mundo.

De acordo com Alencar (2005), Para Paulo Freire, o uso da tecnologia no contexto educacional não deveria ser realizado de maneira arbitrária ou sem a devida preparação. Pode-se afirmar que ele desenvolveu uma abordagem metodológica para a utilização e análise de qualquer tecnologia a ser incorporada ao processo educativo. Essa abordagem, que podemos conceber como uma “práxis tecnológica” freireana, baseia-se em pelo menos quatro princípios fundamentais, os quais serão discutidos a seguir.

O primeiro princípio de uma práxis tecnológica refere-se ao uso intencional e político da tecnologia. A tecnologia, enquanto ferramenta, está sempre impregnada de ideologia, e essa dimensão não pode ser ignorada. Como um dispositivo ideológico, é essencial que seja desconstruída e analisada em suas bases, de modo a compreender as práticas e os objetivos que sustentam seu uso. É necessário identificar as motivações subjacentes às práticas tecnológicas para, se necessário, combatê-las ou redirecioná-las em favor de causas que se deseja promover. Esse processo é particularmente relevante, uma vez que até mesmo o desenvolvimento de softwares, sites e aplicativos está imerso em uma determinada visão de mundo, de ser humano e de ensino-aprendizagem.

Para Freire (2000) Uma abordagem crítica da realidade exige o cultivo da curiosidade intelectual, bem como o desenvolvimento da capacidade de questionar as estruturas que moldam o nosso entendimento do mundo. Nesse processo, é essencial estar atento às armadilhas ideológicas que se apresentam de maneira insidiosa, muitas vezes por meio dos canais de comunicação, que veiculam ideologias de forma velada e manipuladora. Assim, a preocupação central reside na promoção de uma maior consciência crítica, capaz de capacitar os indivíduos a resistirem a essa força alienante. Este desafio continua sendo uma das tarefas essenciais da prática educativo-democrática, uma vez que a formação de sujeitos críticos é fundamental para a preservação da autonomia e da reflexão crítica no contexto social e político.

Um segundo princípio aborda a necessidade de compreender, controlar e dominar a tecnologia. Para Paulo Freire, o uso de aparatos tecnológicos requer a compreensão de sua razão de ser. Os trabalhadores não devem ser alienados e tratados como máquinas irracionais, realizando apenas tarefas repetitivas sem consciência do que fazem ou produzem, o que caracteriza uma especialização excessiva e desumanizadora. A compreensão do processo tecnológico é essencial, pois permite que os indivíduos se humanizem, passando de uma visão instrumental da tecnologia para a concepção de um mundo em constante transformação. Isso evita a “maquinização” ou a redução dos seres humanos a um comportamento puramente instintivo.

Quando Paulo Freire (1978) propõe que o trabalho deve ser mais do que uma atividade utilitária, ele convoca os indivíduos a compreenderem as dimensões históricas e culturais de suas práticas, a fim de promover uma transformação consciente da realidade. No entanto, a mecanização do trabalho, frequentemente associada à alienação, dificulta

essa conscientização, uma vez que a função do trabalhador é reduzida à execução de tarefas específicas e repetitivas, sem espaço para reflexão crítica sobre o processo em que está inserido.

Nesse contexto, a abordagem crítica proposta por Freire desafia a visão simplista do trabalho como uma mera função instrumental para a geração de valor econômico. Em vez disso, ele sugere que a atividade prática deve ser um objeto contínuo de reflexão, no qual o trabalhador, ao entender o contexto e a dinâmica do seu trabalho, possa também se entender e se reconhecer como sujeito histórico e transformador. Contudo, a mecanização do trabalho tende a invisibilizar essa dimensão subjetiva e emancipatória, uma vez que, em muitos contextos, o trabalhador é tratado como parte de um processo automático, no qual sua capacidade de agir e refletir criticamente sobre o seu papel na sociedade é comprometida.

Portanto, para que o trabalho se torne realmente um meio de transformação, não apenas do mundo material, mas também do sujeito, é necessário que as condições de trabalho permitam ao trabalhador desenvolver uma visão crítica sobre sua realidade e sua posição na sociedade. Caso contrário, o risco é de que o trabalhador se veja como uma peça intercambiável dentro de um sistema, perdendo a capacidade de entender o trabalho como um campo de conhecimento e emancipação. A reflexão sobre o trabalho deve, portanto, ser um processo contínuo, que desafie a mecanização e possibilite a reinvenção das práticas sociais e laborais, para que elas se tornem, de fato, um veículo de transformação crítica e emancipadora, como sugerido por Freire.

Freire enfatiza como um terceiro princípio a “redução sociológica”, alertando que as inovações tecnológicas são frequentemente impostas de forma autoritária, configurando uma invasão cultural. Para ele, a tecnologia deve ser compreendida, mas também contextualizada, o que envolve analisar sua origem, usos e ideologia subjacente, além de identificar seus benefícios e limitações.

É essencial adaptar a tecnologia ao contexto local, levando em consideração suas implicações para os usuários e buscando integrá-la de maneira que realmente beneficie o grupo dentro de sua realidade específica. Nesse sentido, a mudança na percepção da realidade, que antes era encarada como algo fixo e imutável, implica reconhecer que ela é, na verdade, uma construção histórico-cultural e humana, moldada pelas ações dos indivíduos e, portanto, passível de transformação. Como destaca Paulo Freire (1976, p. 24), «a realidade é criada pelos homens e pode ser transformada por eles». Esse entendimento sublinha a importância de contextualizar as inovações tecnológicas de forma que elas contribuam para a mudança social e para a melhoria das condições de vida, de modo a promover uma transformação ativa e consciente da realidade.

Um último princípio para uma práxis tecnológica, segundo Freire, é a postura crítica que devemos adotar em relação à tecnologia. Ele defende uma atitude “criticamente curiosa, indagadora, crítica e vigilante”, que implica não apenas utilizar a tecnologia, mas

também refletir constantemente sobre ela. Freire alerta que não devemos ser manipulados ou tratados como objetos pela tecnologia, que, embora não tenha autonomia, pode ser utilizada para servir a concepções de mundo não emancipadoras.

Então, “fundamental para nós, hoje, mecânicos ou físicos, pedagogos ou pedreiros, marceneiros ou biólogos é a assunção de uma posição crítica, vigilante, indagadora, em face da tecnologia. Nem, de um lado, demonizá-la, nem, de outro, divinizá-la.” (FREIRE, 1992, p. 133). Por isso, é fundamental evitar a passividade, como consumidores ou receptores automáticos de tecnologias. O educador, ao abordar o exemplo da televisão, enfatiza a necessidade de usá-la, mas, sobretudo, de questioná-la e discuti-la.

A partir dessa visão crítica, é possível explorar as intersecções entre as propostas pedagógicas de Freire e os desafios contemporâneos enfrentados pela Educação Física, buscando sempre uma formação que priorize a reflexão, a autonomia e a transformação social.

EDUCAÇÃO FÍSICA E OS IDEIAS PEDAGÓGICOS FREIRIANOS

Aqui, propomos uma reflexão sobre os ideais pedagógicos de Paulo Freire e suas implicações para a Educação Física, buscando uma conexão entre seus princípios de ensino e a prática corporal no contexto educacional. Freire defende uma educação que seja libertadora, dialógica e centrada na autonomia do educando, princípios que, ao serem aplicados à Educação Física, nos convidam a repensar o papel do corpo, do movimento e das práticas esportivas no processo formativo. A Educação Física, longe de ser apenas uma disciplina técnica ou de mera transmissão de habilidades, deve se constituir como um espaço de desenvolvimento integral do sujeito, que desafie as dinâmicas de controle e conformismo, promovendo a reflexão crítica e a vivência transformadora.

A Educação Física, em seu cerne, tem o movimento corporal como seu objeto de estudo, o que a distingue e confere uma identidade única dentro do ambiente escolar. Contudo, é necessário compreender que o movimento humano, dentro do campo da Educação Física, não se refere a qualquer tipo de movimento de maneira aleatória ou sem um propósito. Ao contrário, ele envolve gestos e práticas que são carregados de significados específicos, os quais são moldados pelo contexto histórico e cultural no qual se manifestam.

A abordagem freiriana, ao refletir sobre essa relação entre movimento e contexto, nos permite compreender que o corpo não é apenas um instrumento mecânico, mas um local de expressão e resistência, onde as práticas físicas adquirem um valor profundo que transcende a mera execução técnica. Dessa forma, a Educação Física deve ser vista não só como uma disciplina voltada para a execução de movimentos, mas como um campo de construção de significados, em que o movimento corporal é um meio de interação crítica com o mundo social e cultural.

Para Bracht (1997), O movimento abordado pela Educação Física se manifesta de diversas formas, como jogos, exercícios ginásticos, esportes, dança, entre outras práticas. No entanto, esses movimentos não são exclusivos da Educação Física; de fato, a disciplina se apropriou de tais atividades corporais, adaptando-as ou “pedagogizando-as”, ou ainda, em alguns casos, sendo ela própria instrumentalizada por essas práticas. Assim, essas atividades corporais possuem um código próprio, que revela seu condicionamento histórico e cultural, e transmite um significado particular que é construído dentro de um contexto específico, que as dota de sentido.

A concepção das práticas corporais no contexto cultural permite que o currículo da Educação Física se alinhe com os princípios do legado freireano. Como nos diz França (2014), o enfoque tradicional, centrado no saber-fazer, na busca pela performance motora e na prática voltada para a melhoria da saúde, é deslocado para uma análise crítica das relações de poder presentes nas práticas de brincadeiras, danças, lutas, esportes e ginásticas, além de sua produção e invenção. Sob essa ótica curricular, conhecida como “cultural”, a experiência escolar se configura como um espaço de debate e de intercâmbio entre diferentes culturas, promovendo a confluência das variadas formas de expressão corporal dos diversos grupos sociais. O currículo cultural de Educação Física se torna, portanto, uma arena de disseminação de significados, de polissemia e de construção de identidades, cuja finalidade é fomentar a análise, a interpretação, o questionamento e o diálogo, tanto entre as culturas quanto a partir delas.

Ao se apropriar dessas manifestações corporais, a Educação Física, não apenas as recontextualiza, mas também as ressignifica, atribuindo-lhes finalidades pedagógicas que visam o desenvolvimento integral do indivíduo, ao mesmo tempo em que reflete as influências e demandas de seu tempo e de sua cultura.

Para uma Educação Física crítica, orientada para a emancipação dos sujeitos, a concepção freiriana, fundamentada em uma educação libertadora⁴, defende a visão do aluno como sujeito ativo no processo de ensino-aprendizagem, e não simplesmente como um receptor passivo de informações. Nesse sentido, essa abordagem se configura como a mais adequada para apoiar uma prática pedagógica capaz de promover a emancipação do indivíduo, possibilitando-lhe não apenas o desenvolvimento de habilidades físicas, mas também a construção de uma consciência crítica e autônoma.

Nessa perspectiva, temos Freire (1987), como base para entender que a educação libertadora e problematizadora deixa de ser um simples ato de depositar, narrar ou transferir “conhecimentos” e valores aos alunos, que seriam vistos como receptores passivos, à semelhança da abordagem bancária. Ao invés disso, ela se configura como um processo cognoscente, em que o objeto de conhecimento deixa de ser o produto do ato de conhecer de um único sujeito e passa a atuar como mediador entre sujeitos cognoscentes. Nesse

⁴ “Libertadora porque, implicando no enraizamento que os homens fazem na opção que fizeram, os engaja cada vez mais no esforço de transformação da realidade concreta, objetiva.” (FREIRE, p.13, 1987)

processo, o educador e os educandos se colocam como sujeitos ativos do conhecimento.

A educação problematizadora, portanto, exige a superação da relação dicotômica entre educador e educandos, pois somente ao ultrapassar essa contradição será possível estabelecer uma relação dialógica. Essa interação é fundamental para a construção do conhecimento, permitindo que todos os sujeitos cognoscentes compartilhem a reflexão sobre o mesmo objeto de estudo.

É necessário conhecer e reconhecer a pedagogia freireana, para que seus princípios fundamentais ajudem a refletir sobre a aplicação das práticas pedagógicas do ensino da Educação Física. Isso se justifica pelo fato de que o processo educativo deve estar alinhado à realidade dos alunos, promovendo uma articulação entre os conteúdos propostos e o contexto sociocultural em que estão inseridos, com o objetivo de favorecer uma aprendizagem contextualizada e significativa.

O ensino da Educação Física, à luz da pedagogia freireana, deve promover a transformação humana, levando em consideração o desenvolvimento integral dos sujeitos. Nesse contexto, o processo educativo deve viabilizar uma troca de saberes entre educador e educando, com o objetivo de promover a conscientização sobre o papel do indivíduo no mundo e seu compromisso com ele.

O ser, enquanto sujeito histórico e inconcluso, deve reconhecer sua própria incompletude e suas necessidades, buscando transformá-las em liberdade por meio do diálogo, das trocas com seus pares e do constante esforço de superação. Essa busca pela transcendência de si, do outro e do mundo aponta para a construção de um sujeito capaz de se engajar ativamente na transformação de sua realidade, tornando-se, assim, sujeito de sua própria prática e de sua práxis social.

Portanto, a convergência entre os conceitos de Educação Física e os pensamentos freirianos, pode ser vista na necessidade de questionar e reconfigurar o papel das tecnologias no processo educativo. Assim como ênfase da importância de uma prática pedagógica que estimule a reflexão e a transformação, as TICs podem ser utilizadas para ampliar a criatividade, a autonomia e a criticidade tanto no corpo quanto na mente dos educandos, estabelecendo um espaço mais amplo e inclusivo para a educação física e a aprendizagem em geral.

TICS COMO FERRAMENTA DE LIBERTAÇÃO

Neste tópico, exploraremos as (TICs) como ferramentas potenciais para a libertação educacional, um conceito que vai além da simples adoção tecnológica. Inspirados por Paulo Freire, que defendia uma educação crítica e emancipadora, discutiremos o papel das TICs como mediadoras de um processo de aprendizagem ativo e libertador, capaz de romper com as estruturas tradicionais de ensino e abrir novas possibilidades para a construção do saber

Os avanços tecnológicos e suas repercussões na sociedade constituem um fenômeno inserido em um contexto histórico que transforma continuamente a realidade social. Essas transformações alcançam, de maneira inevitável, o ambiente escolar, impactando não apenas os comportamentos dos indivíduos, mas também impulsionando a revisão e a dinamização dos conteúdos curriculares, especialmente na Educação Física.

Para Bévort & Belloni (2009), no contexto atual, a integração das TICs nos processos educacionais e comunicacionais é um dos principais desafios. Embora as TICs estejam cada vez mais presentes e avançadas em setores como a comunicação, onde as mídias adotam rapidamente as novas tecnologias para atender à lógica de mercado, no campo educacional esse processo de integração ocorre de forma mais lenta e desigual. Isso se deve às estruturas rígidas das instituições educacionais, que encontram dificuldades para implementar mudanças e inovações pedagógicas necessárias para acompanhar a evolução tecnológica.

É fundamental pensar sobre o papel do educador nesse novo cenário, já que a o novo mundo digital está provocando transformações significativas na sociedade e, por consequência, adaptações consideráveis no processo de ensino e aprendizagem. Certamente, o aluno de hoje não é o mesmo de antigamente. Por isso, é essencial compreender que estamos lidando com um estudante que já nasce imerso no ambiente digital, sabendo utilizar o computador, acessar a televisão digital e interagir em redes sociais - ou seja, é um nativo digital. Esse conceito é criado por Prensky (2001), que nos explica que:

Os Nativos Digitais estão acostumados a receber informações muito rapidamente. Eles gostam de processar mais de uma coisa por vez e realizar múltiplas tarefas. Eles preferem os seus gráficos antes do texto ao invés do oposto. Eles preferem acesso aleatório (como hipertexto). Eles trabalham melhor quando ligados a uma rede de contatos. Eles têm sucesso com gratificações instantâneas e recompensas frequentes. Eles preferem jogos a trabalhar "sério".

Ao se envolverem criticamente com o que os cerca, os alunos são levados a perceber o mundo como um sistema interconectado, no qual as partes se influenciam mutuamente, e não como fragmentos isolados. Esse movimento de perceber a realidade como uma totalidade amplia a capacidade do indivíduo de agir de forma autêntica e transformadora sobre o mundo, ao contrário de uma visão limitada ou reducionista, que impede a ação consciente e eficaz.

As novas interações, impulsionadas pela criação, expansão e popularização da internet e dos Recursos Educacionais Digitais (RED)⁵, têm a capacidade de transformar o comportamento social, ressignificando, as aulas em espaços mais dinâmicos e interativos.

5 Os Recursos Educacionais Digitais são qualquer tipo de recurso digital que pode ser utilizado na educação. Isso inclui uma variedade de termos que se tornaram comuns nas últimas duas décadas, como objetos de aprendizagem, recursos educacionais abertos e objetos educacionais reutilizáveis. Esses recursos podem ter diferentes formatos, como textos, imagens, vídeos, áudios e páginas da web.

Nesse cenário, o acesso a informações e ferramentas digitais enriquece a experiência dos alunos e favorece um aprendizado mais abrangente e significativo. Assim, é importante que os professores compreendam criticamente as tecnologias que usam, para que possam integrar ações pedagógicas na sala de aula.

Na Educação Física, o desafio é similar, pois a cultura corporal⁶ é influenciada por discursos da mídia que promovem padrões estéticos. Esses discursos têm um forte apelo visual e auditivo, e podem sugerir benefícios da prática esportiva e comportamentos sociais desejáveis, relacionados ao consumo.

É possível, que este seja o tempo ideal para que o professor utilize as TICs de forma pedagógica, auxiliando os alunos a compreenderem criticamente esses discursos e a explorar as diversas possibilidades dessas tecnologias em atividades como esportes, jogos, danças e ginástica, já que a presença dos meios tecnológicos na atualidade, criou uma certa dependência digital na sociedade.

É fundamental considerar que, para um projeto educacional eficaz e revolucionário, a tecnologia pode ser integrada à escola e analisada criticamente, em vez de ser vilanizada. Podemos entender a tecnologia como uma extensão da capacidade criativa humana, e seu impacto pode depender das intenções dos indivíduos que a utilizam. Assim, a tecnologia é capaz de servir como uma poderosa ferramenta para a transformação social, promovendo mudanças significativas conforme as intenções e valores dos sujeitos envolvidos.

Para Freire (1981), é importante esclarecer que o desenvolvimento tecnológico deve ser uma das prioridades de um projeto revolucionário. Reduzir a responsabilidade por problemas a apenas a tecnologia seria uma simplificação excessiva. Além disso, é igualmente irracional ver a tecnologia como uma força maligna que está acima da ação humana. Quando analisada de forma crítica, a tecnologia representa a expressão natural do processo criativo no qual os seres humanos se envolvem ao criar suas primeiras ferramentas para transformar o mundo de maneira mais eficaz.

O educador tem o papel fundamental de não apenas ensinar conteúdos, mas também de ensinar a pensar corretamente. Um professor que apenas memoriza e repete informações, sem refletir ou se desafiar, não consegue ser crítico. Ele lê muito, mas não conecta o que aprende com a realidade ao seu redor. Em vez de explorar suas próprias ideias, repete o que leu sem questionar. Esse comportamento mecanicista impede uma compreensão real do mundo, tornando o ensino desconectado da realidade concreta dos alunos e da sociedade.

Algumas reflexões sobre as práticas pedagógicas e as influências tecnológicas também permeiam a obra de Freire (2013), onde ele, em diálogo com Sérgio Guimarães, coautor do livro, aborda uma série de temas relacionados às tecnologias e seus efeitos na sociedade. Freire dedica uma atenção particular ao impacto dos meios de comunicação

⁶ Segundo Coletivo de Autores (1992), são os conteúdos como os jogos, a ginástica, as lutas, as acrobacias, a mímica, o esporte e outros, tratados pedagogicamente e utilizados pela Educação Física escolar

de massa – como televisão, rádio, jornais, cinema, entre outros – e analisa como esses canais transmitem uma ampla gama de conteúdos e questões que moldam a percepção das pessoas, com ênfase na forma como influenciam, de maneira decisiva, os indivíduos, inclusive as crianças. Ao tratar desses meios, Freire não apenas destaca o seu poder de comunicação, mas também nos convida a refletir sobre como tais tecnologias, longe de serem neutras, desempenham um papel fundamental na construção de significados sociais, muitas vezes contribuindo para a formação de subjetividades passivas e consumistas.

Dessa forma, ele nos desafia a questionar o papel dessas tecnologias na educação e no processo de conscientização crítica, propondo uma postura ativa e reflexiva frente à maneira como os meios de comunicação moldam as relações sociais e culturais. Durante sua experiência como educador, Sérgio, percebeu que os alunos traziam para a sala de aula uma série de influências provenientes desses meios. Ele, então, passou a se interessar por esses temas e conteúdos e a buscar formas de integrá-los ao currículo escolar. A ideia era aproximar os conhecimentos trazidos pelos alunos, como músicas, gírias, gestos e impressões, ao que era tradicionalmente ensinado pela escola pública.

Esse processo de integração, no entanto, não era planejado de forma teórica e sistemática. Sérgio, não formulava teorias rigorosas sobre essa articulação, mas, por meio da prática diária, foi observando as novas descobertas que surgiam ao tentar conciliar esses diferentes mundos: o dos meios de comunicação e o da educação formal.

Além disso, o coautor notava que suas turmas eram compostas, em sua maioria, por alunos oriundos das classes populares, com condições de vida precárias, como as de moradores de favelas ou de áreas periféricas. No entanto, havia também alunos de famílias de comerciantes, que, embora ainda parte das camadas populares, viviam em uma situação econômica um pouco mais favorável. Apesar das diferentes realidades sociais e econômicas, o que Sérgio destaca é o impacto dos meios de comunicação sobre todas as crianças, independentemente de sua origem. As influências desses meios se faziam presentes no comportamento dos alunos, que, por sua vez, filtravam e reinterpretavam essas informações à luz de suas próprias experiências e visões de mundo.

As experiências relatadas pelos autores, levam a refletir sobre as práticas profissionais pautadas nas relações com as novas tecnologias. As reflexões sobre essas novas práticas, é importante, pois:

Avançar na educação é também possibilitar que os educandos possam experimentar todos os tipos de recursos tecnológicos que podem ser disponibilizados para o ensino-aprendizagem, seja numa boa utilização do celular dentro e fora das salas de aula, seja em pesquisas na sala de informática, colaborando com essas as pequenas atitudes em afastar os educandos da massificação. Avançar na área da comunicação contribui para que entendamos a importância das pessoas terem acesso a todo tipo de notícias e informações por meio de uma internet livre e gratuita, deixando assim de serem “massificadas”. (PADILHA, P; ABREU, J. (orgs.), 2019, p.35)

A presença constante das tecnologias digitais na vida dos sujeitos, redefinindo a comunicação, o acesso à informação e as interações sociais no cotidiano, tem provocado transformações que ultrapassam os limites físicos das escolas, atingindo de maneira direta e indireta o processo educativo. Essa mudança constante exige uma reflexão crítica sobre como as inovações tecnológicas alteram as práticas pedagógicas, como por exemplo, nas aulas de Educação Física.

Dessa forma, é fundamental que o educador esteja adequadamente preparado para entender as características dos “novos sujeitos” gerados por essas tecnologias, ou seja, os estudantes que vivem imersos em um contexto digital, no qual suas interações e comportamentos estão em constante transformação. Essa preparação exige que o docente desenvolva uma compreensão crítica dos efeitos que as tecnologias digitais têm sobre os processos de socialização, aprendizado e formação de identidade dos alunos, reconhecendo o impacto profundo dessas ferramentas na maneira como eles se relacionam com o conhecimento e com o mundo.

Nesse sentido, podemos valorizar as possibilidades de uso das tecnologias de informação e comunicação, para que sejam integradas às práticas pedagógicas, destacando as suas contribuições para potencializar o aprendizado e a construção de conhecimento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do exposto, qualquer proposta educacional, seja voltada à formação profissional no âmbito rural ou urbano, deve ter como propósito principal incentivar uma reflexão crítica nos alunos sobre o mundo em que vivem e sobre suas relações com os outros. Essa reflexão, no entanto, não deve se limitar a uma análise superficial da realidade; é fundamental que ela motive ações transformadoras, com o potencial de alterar as condições sociais, culturais e econômicas que nos cercam, contribuindo para a construção de um futuro mais justo e equitativo.

No contexto atual, em que as TICs permeiam quase todos os aspectos da vida cotidiana, o desafio para os educadores é duplo: não apenas transmitir conhecimentos técnicos, mas também preparar os estudantes para entenderem sua posição na sociedade digitalizada e globalizada. Para isso, o professor precisa adotar abordagens pedagógicas que não se limitem à simples transmissão de conteúdos, mas que estimulem a análise crítica, o questionamento e a ação reflexiva. As TICs, ao facilitarem o acesso à informação, oferecem um potencial para ampliar essa conscientização crítica, desde que utilizadas de maneira pedagógica e intencional.

De acordo com Paulo Freire (1993), o educador comprometido com sua prática deve adotar abordagens pedagógicas que transcendam a simples transmissão de conhecimentos. A educação deve ser um processo de emancipação, no qual o educador não se limita a fornecer respostas, mas provoca os estudantes a se apropriarem de seu

papel na sociedade, a reconhecerem sua posição e a se envolverem ativamente na construção de um mundo mais justo e crítico.

Esse cenário coloca o professor como mediador fundamental, exigindo que ele se mantenha atento e atualizado frente aos novos fenômenos sociais que emergem no contexto educacional. Em um mundo cada vez mais conectado digitalmente, cabe ao docente buscar e utilizar ferramentas pedagógicas que promovam a reflexão crítica, proporcionando aos estudantes a capacidade de questionar, compreender e transformar o contexto em que estão inseridos.

Ao se envolverem criticamente com o conteúdo digital e com as informações disponibilizadas pelas TICs, os alunos podem desenvolver uma visão mais ampla e interconectada da realidade, compreendendo que o mundo não é fragmentado, mas composto por dinâmicas complexas que se influenciam mutuamente. Essa compreensão crítica, propiciada tanto pelo ambiente digital quanto pelo ensino de qualidade, possibilita que os estudantes se posicionem de maneira mais consciente e atuem de forma transformadora em suas respectivas realidades.

Portanto, o papel do educador, especialmente no contexto das TICs, vai além do ensino técnico ou da simples preparação para o mercado de trabalho. Ele deve orientar os alunos no desenvolvimento de uma postura crítica que, ao integrar as potencialidades das novas tecnologias, os capacite a se posicionarem de forma reflexiva e propositiva frente aos desafios sociais e profissionais que enfrentam.

Assim, ao romper com modelos tradicionais e autoritários, as TICs podem servir como ferramentas de ampliação da autonomia dos estudantes, promovendo um ambiente de aprendizagem mais dinâmico, colaborativo e reflexivo. Quando utilizadas de forma crítica e intencional, essas tecnologias não apenas viabilizam o acesso a novos conteúdos, mas também fomentam a construção de um conhecimento mais plural e participativo. Assim, as TICs podem potencializar as práticas educacionais libertadoras, contribuindo para a formação de sujeitos mais críticos, criativos e capazes de atuar de maneira transformadora na sociedade.

REFERÊNCIAS

ARANHA, M. L. A. História da Educação e da Pedagogia. Geral e Brasil. São Paulo: Moderna, 2006

BÉVORT, E.; BELLONI, M. L. Mídia-educação: conceitos, história e perspectivas. Educ. Soc., Campinas, vol. 30, n. 109, p. 1081-1102, set./dez. 2009.

BRACHT, V. Educação Física e aprendizagem social. 2. ed. Porto Alegre: Magister, 1997.

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília: MEC, 2017.

COLETIVO DE AUTORES. Metodologia do Ensino da Educação Física. São Paulo: Cortez, 1992. Coleção Magistério 2º grau – série formação do professor.

COSTA, V. S.; COSTA, F. G.; CIPRIANO, T. H. A. S. As tecnologias da informação e comunicação (TICs) como ferramentas para o ensino de genética em aulas não presenciais. **VII CONGRESSO INTERNACIONAL DAS LICENCIATURAS-COINTER PDVL**. Visociedade 5.0: Educação, Ciência, Tecnologia E Amor. Recife., 2020. Disponível em: <https://cointer.institutoidv.org/smart/2020/pdvl/uploads/1190.pdf> Acessado: 13/11/2024

FANTIN, M.; RIVOLTELLA, P. C.; (orgs.). Cultura digital e escola: pesquisa e formação de professores. Campinas: Papyrus, 2012. p.366

FRANÇOSO, S.; NEIRA, M. G. Contribuições do legado freireano para o currículo da educação física. RCBE, Florianópolis, v. 36, n. 2, p. 531-546. 2014

FREIRE, P. Ação cultural para a liberdade e outros escritos. Tradução: Claudia Schilling. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1968.

_____. Educação e Mudança. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

_____. Cartas à Guiné-Bissau, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1978.

_____. Pedagogia do oprimido, 17ª. ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.

_____. Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

_____. Comunicação ou extensão. São Paulo: Paz e Terra, 1993.

_____. A educação na cidade. 2. ed. São Paulo: Cortez Editora, 1995.

_____. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. 25ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

_____. Pedagogia da Indignação: cartas pedagógicas e outros escritos. São Paulo: UNESP, 2000.

_____. GUIMARÃES, S. Educar com a mídia: novos diálogos sobre a educação. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.

KENSKI, Vani Moreira. Educação e tecnologia: O novo ritmo da informação. São Paulo: Papyrus, 2007

KUNZ, E. Educação Física: ensino e mudança. 2ª ed. Ijuí: Unijuí, 2001

LÉVY, P. Cibercultura. 3. ed. São Paulo: Editora 34, 2010

MIRANDA, G. L. Limites e possibilidades das TIC na educação. Revista de Ciências da Educação, 03, pp. 4150. 2007.

MUSSI, R. F. de F.; FLORES, F. F.; ALMEIDA, C. B. de. Pressupostos para a elaboração de relato de experiência como conhecimento científico. **Práxis Educacional**, Vitória da Conquista, v. 17, n. 48, p. 60-77, 2021. DOI: 10.22481/praxisedu.v17i48.9010. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/index.php/praxis/article/view/9010>. Acesso em: 12 nov. 2024.

PADILHA, P; ABREU, J. (orgs.). Paulo Freire em tempos de fake news: Artigos e projetos de intervenção produzidos durante o curso da EaD Freiriana do Instituto Paulo Freire. São Paulo: Instituto Paulo Freire, 2019.

PAULA, M. V. G. de; SUANNO, J. H. P. sobre as TICs como recurso pedagógico: relato de uma experiência na educação física escolar. Debates em Educação, [S. l.], v. 11, n. 24, p. 212–227, 2019. Disponível em: <https://www.seer.ufal.br/index.php/debateseducacao/article/view/6909>. Acesso em: 8 nov. 2024.

PRENSKY, M. (2001), Nativos Digitais, Imigrantes Digitais. On the horizon, MCB University Press, v. 9, n. 5, 2001, p.1-6. Disponível em: <https://mundonativodigital.wordpress.com/wp-content/uploads/2015/06/txto1nativosdigitaisimigrantesdigitais1-110926184838-phpapp01.pdf> Acesso em: 7 nov. 2024

SOARES, W. S. L.; NASCIMENTO, C. A. R. A inclusão das TICs na educação brasileira: problemas e desafios. Magis. Revista Internacional de Investigación en Educación, [S. l.], v. 5, n. 10, p. 173-187, 2012.

SOUZA, F. O.; OLIVEIRA, C. M. Reflexões sobre os (não) usos das tecnologias digitais na educação física escolar. Pensar a Prática, Goiânia, v. 24, 2021. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/fef/article/view/64427>. Acessado em: 13/11/2024